

E O NOME ABSTRATO EXISTE?

Lúcia Helena Peyroton da Rocha¹

RESUMO

Este artigo discute a noção de abstratização e concretização que envolve os substantivos. Apresenta definições de substantivos abstratos e concretos adotadas por gramáticos. Leva em consideração a proposição de Martin (1996), que defende o fenômeno de abstratização/concretização dentro de uma abordagem escalar; e a de Rocha (2003), em que se apresentam critérios de concretização de substantivos abstratos.

Palavras-chave: substantivos abstratos; substantivos concretos; critérios de concretização; graus de concretização/abstratização.

RESUMÉ

Cet article aborde la notion d'abstractisation et concrétisation qui tiennent aux substantifs. Il prend en considération la proposition de martin (1996), qui considère le phénomène d'abstractisation/concrétisation dans un abordage en échelle, et de Rocha (2003), qui présente des critères de concrétisation de substantifs abstraits.

Mots-clés: substantifs abstraits; substantifs concrets; critères de concrétisation; degrés de concrétisation/abstractisation

1. PARA INTRODUIZIR

É comum encontrarmos em gramáticas de Língua Portuguesa as seguintes definições: "substantivos são palavras que designam os seres." (CEGALLA, 1978: 78) Os substantivos concretos "designam seres de existência real ou que a

¹ Professora Doutora do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo.

imaginação apresenta como tais: *mulher, pedra, alma, fada, lobisomem, a Justiça* (personificada)" (CEGALLA, 1978: 78). Os substantivos abstratos são aqueles que "designam qualidades, sentimentos, ações e estados dos seres" (CEGALLA, 1978: 79). E, ainda, substantivo "é a palavra com que nomeamos os seres em geral, e as qualidades, ações, ou estados, considerados em si mesmos, independentemente dos seres com que se relacionam" (ROCHA LIMA, 1998: 66). A partir dessa perspectiva conceitual, Rocha Lima (1998: 66) subdivide os substantivos, agrupando-os assim: concretos são os que "designam seres que têm existência independente, ou que o pensamento apresenta como tal. Pouco importa que tais seres sejam reais ou não, materiais ou espirituais." E, os abstratos são aqueles que "designam nomes de *qualidades, ações* ou *estados* – umas e outros imaginados independentemente dos seres de que provêm, ou em que se manifestam" (ROCHA LIMA, 1998: 66).

Martin (1996), em artigo intitulado O Fantasma do Nome Abstrato, assegura que a noção de "nome abstrato" está longe de se impor com evidência. Além disso, a identificação e a distinção dessas subclasses de substantivo parece ainda precisar de critérios mais eficientes do que os comumente discutidos. Para ele, é clara a diferença entre substantivos como **mesa, árvore** ou **gato** e **liberdade, espírito** ou **conhecimento**. Em um caso, o referente é acessível aos sentidos; no outro, imaterial, ele não o é, afirma Martin. Para o lingüista, a materialidade/imaterialidade é uma questão de grau. Por isso faz-se necessário buscar outros critérios definitórios. Considera um pouco difícil sub-categorizar completamente o conjunto de nomes em nomes concretos e em nomes abstratos. A idéia que se apresenta nesse caso é de abordar a abstração da linguagem não em termos de subcategorização, em que ela é fantasmagórica, mas em termos de procedimentos, de operações se se prefere que se exercem nos dois sentidos (abstratização e concretização) sobre objetos situados sobre uma escala de múltiplos graus.

Na tentativa de contribuir para os estudos dos nomes abstratos, Martin (1996) propõe os seguintes critérios: da materialidade, da polissemia, da complexidade referencial, dos fatos de continuidade.

2. O CRITÉRIO DE MATERIALIDADE

É o critério de acessibilidade aos sentidos que, *a priori*, pode parecer o mais eficaz para subcategorização dos substantivos. Há que se concordar com Martin (1996), para quem este é um critério ontológico, isto é situado ao lado da referência. Os significados dos nomes são todos imateriais e neste sentido abstratos:

é uma banalidade lembrar que não é o significado de **gato** que mia ou que é carnívoro, mas que são propriedades do ser do mundo que a palavra **gato** evoca. A respeito do critério de materialidade, dizer que um nome é concreto, é dizer que o objeto que ele representa é um objeto concreto; O conceito ou o significado vem de uma operação que retém dos indivíduos suas propriedades comuns; nisso igualmente todo nome é abstrato. (MARTIN, 1996: 41).

Certos referentes são evidentemente perceptíveis pela **visão** e pelo **tato** (um cavalo, uma maçã, uma mesa...), outros pela **audição** (um barulho, um som, uma melodia...); outros ao **olfato** (perfumes e cheiros diversos), outros ainda de maneira privilegiada ao **tato** (o ar ou o vento).

Martin (1996) propõe três critérios, a saber: a polissemia, a complexidade referencial e sobretudo os fatos de continuidade, na tentativa de distinguir os nomes abstratos e os concretos.

2.1. A POLISSEMIA

Segundo o sentido ao qual está preso o nome é abstrato ou concreto. Martin (1996) convida-nos a comparar os seguintes exemplos: *soulever un poids / calculer le poids de / avoir un poids sur la conscience* (*erguer um peso / calcular o peso de / Ter um peso na consciência*). Só o primeiro sintagma pode ser considerado concreto: o **peso** aí designa um objeto pesado. Nos dois outros, **peso** é mais abstrato: em um, porque trata-se de uma medida abstratamente representável; no outro, porque o **peso** em causa só tem a realidade psicológica e que a palavra **peso** está empregada metaforicamente.

Uma cor se vê, mas não uma cor política. No que respeita a propriedade, a acidez é uma propriedade concreta: a acidez do limão age fortemente sobre as glândulas salivares, mas não a acidez de propósito, de observações, de censura.

Multiplicar-se-iam facilmente tais exemplos. Mas o obstáculo não parece insuperável: basta convir que não são os nomes que são concretos ou abstratos, mas os nomes tomados em um sentido ou em outro.

2.2. A COMPLEXIDADE REFERENCIAL

Martin (1996) considera mais delicado ainda tratar da complexidade referencial. *Eu sonhei esta noite com uma mulher extraordinariamente bela que eu jamais havia visto.* A razão desse sonho é inteiramente simples: eu quero lhe perguntar se esta mulher é um ser concreto ou um ser abstrato. A questão não é anódina. É aquela dos seres imaginários, os unicórnios, ou centaurus, ou de Papai Noel. Esses não são seguramente objetos fisicamente perceptíveis. E porém hesitam-se em vertê-los em abstrações.

O paradoxo se resolve em termos referenciais: é concreto o objeto que for acessível aos sentidos se o mundo onde a referência se opera for o mundo daquilo que existe. Para Martin (1996), se partirmos da suposição de que Pierre evoque os filhos que ele queria ter e que todavia não os teve, esses filhos serão seres referidos a um mundo contrafactual. Se esse mundo fosse o mundo real, os filhos em causa teriam de ser seres de carne e osso. Os mecanismos referenciais de transmissão rígida de um mundo a um outro ou de uma imagem de universo a uma outra permitem aqui resolver a questão. Mas, ao mesmo tempo, a concretude perde seu caráter de materialidade e escorrega furtivamente para o campo das representações.

2.3. OS FATOS DE CONTINUIDADE

Um outro obstáculo está relacionado aos fatos de continuidade e para Martin (1996), isso será difícil de se

contornar. O enredamento do concreto e do abstrato tem, com efeito, mais de uma face.

Martin (1996) cita, de início, independentemente de qualquer polissemia, substantivos que são ou concretos ou abstratos. **Coisa** é um nome concreto ou abstrato? Depende das circunstâncias: uma **mesa** é uma **coisa**, a **originalidade** ou a **liberdade** também é uma coisa. Um fato é tanto um fato concreto (p. ex. um acidente de trânsito), quanto um fato abstrato (p. ex. *a indivisibilidade dos números primos*, senão por um ou por eles mesmos). Mesma coisa para um **caráter**, uma **propriedade**, uma **qualidade**: esses substantivos são *ou* concretos *ou* abstratos segundo a aplicação que é feita deles.

Outros substantivos, ainda a respeito da materialidade referencial, são ao mesmo tempo concretos e abstratos: concretos por algumas de suas propriedades referenciais, abstratos por causa de outras. É assim para os nomes de objetos simbólicos: uma **palavra** é concreta pelo seu significante, abstrata pelo seu significado, concreta pela sua substância, abstrata pela sua forma.

Uma **bandeira** é um objeto material, mas é também um símbolo; do mesmo modo o **estandarte**, o **emblema** ou a **insígnia**. Aliás, como assegura Martin (1996), são ao mesmo tempo concretos e abstratos os referentes sintomáticos – aqueles que se deixam perceber apenas através dos sintomas. É assim nomes de doenças ou de afecção. Alguns designam realidades simplesmente perceptíveis: um resfriado, um furúnculo, a acne. Outros podem frustrar o diagnóstico dos melhores médicos: um câncer dos ossos ou a aids, por exemplo.

As doenças não são os únicos objetos sintomáticos: o que é o medo? um estado afetivo, certamente, mas que se manifesta pela palidez, tremores, uma certa paralisia ou uma atividade desordenada, batimento do coração. Há no medo algo de psíquico e do físico, e assim a maioria das emoções ou sentimentos. A imaterialidade se mistura com manifestações sensíveis. Na verdade, a maioria dos nomes refere-se (no sentido lingüístico) a realidades compósitas. Médico é um nome concreto ou abstrato? concreto, seguramente, dirão algumas pessoas: um médico, isso se vê. Ele pode te aplicar uma injeção desastradamente / te triturar onde não precisa /

te produzir uma luxação nas vértebras. Mas acontece também de cruzarmos na rua com pessoas que são médicas e das quais nós não sabemos absolutamente que elas o são. A qualidade de médico não se percebe pela visão, de tal modo que há em médico um lado incontestavelmente abstrato. Para Martin (1996), sem dúvida, é preciso distinguir o caráter concreto do indivíduo designado (nesse sentido médico é concreto; ele o é pela designação) e o caráter mais ou menos concreto ou mais ou menos abstrato das propriedades que fazem com que o indivíduo é o que ele é.

Martin (1996), convida-nos a comparar um **corcunda**, um **médico** e um **filósofo**. São todos indivíduos concretos. Mas enquanto a propriedade do corcunda é uma propriedade perceptível, não acontece o mesmo com as propriedades do filósofo; quanto ao médico, situa-se entre os dois. O **telhado** de minha casa é esse que se encontra em cima da parede: isso supõe uma conceptualização do espaço. Uma esmola é uma coisa concreta? Certamente sim, isso pode ser tocado. Mas isso supõe também uma relação fundada entre pessoas sobre a riqueza de uma e a pobreza da outra, o que não está fora de concepções abstratas.

Além disso, é preciso tirar na sorte "mais ou menos concreto" ou "mais ou menos abstrato". Uma **hora** é alguma coisa de mais abstrata do que um **dia** (perceptível pela alternância da luz e da escuridão); o **mês** é mais abstrato do que o **ano** (sensível pelo retorno das estações do ano): mas todos esses objetos têm relação com o tempo que é em si uma abstração. Ainda é preciso distinguir com Bergson o tempo subjetivo, o tempo vivido, aquele que, mais ou menos vagamente, percebe-se no seu decurso, e o tempo objetivo, aquele da cronologia, que vem de uma visão do espírito mais ou menos comodamente representável.

Para Martin (1996: 43), é preciso render-se à evidência: os nomes abstratos não são nada mais do que fantasmas. Mas, para ele, talvez nós tenhamos escolhido um critério ruim. Ele propõe, portanto, abandonar a ontologia pela gramática. Alguns pensarão que ao se mover dentro da referência, podemos nos perder. Martin, em seu estudo, parte para uma abordagem lingüística, uma vez que "somos lingüistas, não "ontólogos".

3. CRITÉRIOS LINGÜÍSTICOS

3.1. MULTIPLICIDADE DOS CRITÉRIOS

Martin (1996: 44) na tentativa de elucidar questões que envolvem a identificação de nomes abstratos e concretos se vale dos critérios lingüísticos, a saber: derivação, categorematicidade e contável.

3.1.1. A derivação

São **abstratos** os substantivos provenientes de adjetivos (**tristeza**) e de verbos (**meditação**). O traço sub-categorizante da abstração não seria outro que o traço da hetero-incidência (no sentido guillaumiano: o adjetivo ou o verbo diz alguma coisa do substantivo, o advérbio diz alguma coisa do adjetivo, do verbo ou dele mesmo). O substantivo derivado abstrai do objeto uma propriedade ou fato que ele designa como tais.

Para Martin (1996: 44),

Essa concepção encontra vários tipos de obstáculos:

a) Todos os substantivos derivados de adjetivos não significam "caráter do que é + adjetivo (como por exemplo: **dureza** "caráter do que é duro"). Assim, a **municipalidade**² não é o "caráter do que é municipal", mas "o corpo municipal, o conjunto de pessoas que administram a comunidade". Mais do que o "caráter do que é úmido", a **umidade** designa o "vapor, [a] água que impregna um objeto ou um lugar" (TLF).³ O obstáculo aqui evocado fica mais evidente ainda, quando se trata dos verbos: os substantivos que são derivados (de verbos) estão longe de designar sempre "o fato de + verbo" ou "a ação de + verbo" (**aprovação** "o fato de aprovar", **aquecimento** "ação de aquecer"...): uma **construção** é "o que é construído"; um **alojamento** "o lugar onde se aloja; uma **engrenagem** é um "sistema de rodas dentadas que se engrenam"; a **herança** "aquilo que se herda;

² Em português, municipalidade pode ser Câmara municipal; vereação (2); o edifício onde funciona a Câmara municipal; município (2); A prefeitura. (HOLLANDA, 1986: 1171)

³ Exemplos traduzidos do francês, discutidos por Martin (1996: 44).

b) Inversamente, muitos substantivos não derivados seriam dificilmente aceitáveis entre os nomes concretos.

3.1.2. A Categorematicidade

Pode-se imaginar substituir ao critério de derivação pelos da categorematicidade e da sincategorematicidade. Os categoremáticos seriam concretos; os sincategoremáticos seriam abstratos. Martin (1996, apud KLEIBER, 1981) assegura que um substantivo é sincategoremático se, como todo substantivo, ele diz o que ele diz dele mesmo e se, ao mesmo tempo, aplica-se a outra coisa além dele mesmo. Isso se dá com os substantivos que designam a propriedade ou estado de qqc⁴, a ação de qqn ou de qqc (eventualmente sobre qqc). A **originalidade** é a propriedade do que é original; a **tristeza** é o estado daquele que está triste; a **coação** é a ação de qqn ou de qqc sobre qqn. Os substantivos sincategoremáticos são o lugar de uma incompletude referencial. Substantivos “predicativos”, e neste sentido, referencialmente dependentes, eles estão à espera de aplicação (a **tristeza** é forçosamente aquela de alguém), mesmo no emprego absoluto (não se deve cultivar a tristeza: isso é suposto verdadeiro para qualquer um). Ao mesmo tempo “auto-incidentes” e “hetero-incidentes” no sentido guillaumiano, os substantivos sincategoremáticos distinguem-se dos simples substantivos relacionais (ser um amigo, é ser um amigo de qqn = alguém; a borda é forçosamente a borda de alguma coisa...) pelo fato que eles portam neles um argumento em si”: a tristeza é uma coisa (um estado – “argumento em si”), independentemente do argumento da predicação (aquele que é triste).

Este “argumento em si” (a “qualidade de”, “o estado de”, o “fato de”, a “ação de”...) é comparado ao argumento de estilo impessoal.

A maioria dos substantivos sincategoremáticos assim definidos são derivados, mas não todos. Classificam-se assim entre os abstratos **orgulho, amor-próprio, caráter, quantidade, qualidade** e outros. O critério de categorematicidade, entretanto, não acolhe entre os abstratos nomes como

⁴ qqc (qualquer coisa) / qqn (alguém).

doutrina, ciência, teoria, ou os substantivos em **-ismo** (**cristianismo, maxismo...** Em que o cristianismo seria o cristianismo de q.q.n ou de q.q.c.?), ou os nomes de ciências (**química, geometria, filosofia...**). Inversamente colocar-se-iam nos abstratos os substantivos de ação que designam ações materiais (**carinho, marcha, passeio, salto ...**).

3.1.3. O Contável

Martin (1996: 45) lança mão do critério: contável, ou se se prefere, do individualizável. Um **gato** designa um indivíduo "gato", e os indivíduos são contáveis. Podem-se certamente evocar **as liberdades**; mas trata-se, nesse caso, de variedades (a **liberdade de expressão**, a **liberdade de pensamento**) e não de ocorrências.

Para Martin, o incômodo deste critério é duplo:

a) um substantivo como **vinho** (**três vinhos**, são três "tipos de vinhos", três variedades) se acomoda dificilmente numa classificação de abstrato;

b) inversamente substantivos como **progresso, decisão, reflexão, qualidade, propriedade, característica**, seguramente contáveis são intuitivamente sentidos como de preferência abstratos.

Em suma, o traço "massivo" não implica o traço "abstrato" e o traço "abstrato" não acarreta inevitavelmente o traço "massivo".

Para Martin (1996), a dificuldade classificatória permanece: talvez fosse preciso combinar todos esses critérios. E é isso que ele vai propor: as combinatórias dos critérios.

3.2. Combinatória dos critérios: a proposta de Martin (1996) e a de Rocha (2003)

Martin (1996: 46) propõe a combinatória dos seguintes critérios: a materialidade; a categorematicidade, o contável e o da representação que, para ele, são critérios de concretude. Ele apresenta dois exemplos que deveriam evidenciar a relativa pertinência da representação. Martin (1996) os agrupa assim:

a) substantivos como **paralelogramo, círculo** ou **prisma** que designam seres matemáticos, que vêm de definições abstratas, que são construções do espírito. Eles são, portanto, de uma certa maneira abstratos. Mas essas construções são facilmente representáveis e nisso trata-se de nomes concretos. A mesma análise vale para a **classificação**, para **lógica**, para **organograma** e muitos outros.

b) Inversamente **planta, animal ou homem** (no sentido de "ser humano"), todos designando seres sensorialmente perceptíveis, não evocam seres representáveis. Ele considera impossível de se representar um animal como animal/enquanto tal: Martin entende que se tentar fazê-lo, representará a si mesmo, um gato, um cachorro, um cavalo... ou um dromedário. Mesma coisa para as plantas e mesma para os homens, cuja representação é naturalmente sexuada (os seres híbridos travestis ou não, não representam tipicamente ser humano). Também substantivos como **planta, animal ou homem**, na falta de uma representação possível, são eles mais abstratos do que **árvore, gato ou mulher**.

A combinatória dos quatro critérios defendidos por Martin (1996) conduz a um quadro de várias possibilidades. Na primeira linha todos os critérios (de concretude) são positivos. Em seguida encontram-se as linhas em que um só critério é negativo, depois dois, depois três, enfim a linha em que todos os quatro o são.

	Materia I	Representável	Contável	Categorem ático	
1	+	+	+	+	Mesa, gato árvore, mulher
2	+	+	-	+	Areia, chuva...
3	+	+	+	-	Carinho, marcha, passeio, salto
4	-	+	+	+	Círculo, paralelo gramo, prisma..

					.
5	+	-	+	+	Planta, animal, homem
6	+	-	+	-	Cor, forma...
7	+	-	-	+	Luz...
8	+	+	-	-	Acidez, amargura, sono, fadiga, sede....
9	-	-	+	+	Alma, língua (saussuriana)... doutrina, ciência, teoria,..
10	-	+	+	-	Preço, idade, tamanho, duração
11	+	-	-	-	Profundidade, esfericidade...
12	-	+	-	-	O interior, o exterior, o antes, o depois.. ..
13	-	-	-	+	Geometria, cristianismo

1 4	-	-	+	-	Progres so, decisão, reflexão , aptidão, qualidad e...
1 5	-	-	-	-	Liberda de, tristeza, corage m...

Para Martin (1996), obviamente, o quadro é vulnerável à crítica. Afirma que esses não são os únicos critérios examináveis.

Rocha (2003), por sua vez, propõe os testes do quadro abaixo que são evidenciadores de concretização.

TESTES APLICADOS EM Na > Nc⁵
A. O verbo da frase inteira - observamos qual ou quais características tem o verbo do qual o item concretizado é argumento. O verbo <i>mostrar</i> , por exemplo, em sua primeira acepção, significa "fazer ver, expor à vista, exibir", seleciona um sujeito <i>agente</i> e exige um complemento <i>concreto</i> . (Cf. <i>Mostrei-lhe a edição em espanhol</i>). Sendo assim, levaremos em conta o verbo em seu uso prototípico literal.
B. O modificador adjetival - investigamos quais adjetivos e quais locuções adjetivas evidenciam a concretização dos Nas. O adjetivo <i>metálico</i> , por exemplo, é um classificador de nome concreto não-animado, significa "de metal" e, ao incidir, neste caso, diretamente sobre o N "estrutura", torna-o concreto, com o sentido de "armação; esqueleto".
C. O suporte material - Para Bartning (1996) quando

⁵ Para ver este trabalho na íntegra, consulte: Rocha (2003) - referência completa no final deste artigo.

um item lexical está ancorado em um suporte material, adquire o traço [+resultativo], tornando-se assim um item concretizado. Esse teste também se aplica ao português, como mostraremos na análise dos substantivos **construção e plantação**.

D. Paráfrase aceitável do tipo [ce que] + Vbase - Defrancq e Willems (1996) entendem que para o deverbais ascender ao estatuto de concretização deve fazer parte da estrutura argumental do verbo do qual é derivado e responder a uma paráfrase aceitável do tipo **[CE QUE] + Vbase** (cf. *produção* "aquilo que se produz"; *construção* "aquilo que se constrói"; *edificação* "aquilo que se edifica"; *observação* "aquilo que se observa").

E. Particularidades sintáticas dos deverbiais concretizados - os Na ao se enquadrarem nas estruturas que estão em **(i) a. e b.**, ou funcionarem como **aposto**, concretizam-se:

(i) a. A(s) + Nc + SPrep + para + SN versus b. A(s) + Na + entre / com + Sn + Sn (exemplo: "as acomodações do hotel para hóspedes estão todas reservadas" - FSP - 13/09/03). Em contra partida, quando o nome *acomodação* se insere na estrutura b, adquire o traço [+abstrato], como podemos ver no excerto extraído do (DUP, 2002, P. 21): "a acomodação entre flamengos e brasileiros". (HB).

(ii) Aposição - O processo de *aposição* se dá quando um núcleo primário ou fundamental de um SN se une a um segundo SN, seu núcleo secundário. No caso dos apostos, há duas construções que apontam independentemente para o mesmo referente. Ex.: "(...) Elvis de Lima Xavier, 25, que descreveu a Igreja dos Índios, uma construção de 1622, perdida no meio do caos de São Miguel Paulista. Zona Leste de São Paulo (...)" (FSP - 20/12/98) (grifos nossos).

F. A combinação com estado de versus um tipo de - este teste revelou que quando a relação do deverbais *acomodação* com seus argumentos aponta para o *estado de*, ele adquire o traço [+ abstrato] e quando aponta para o tipo de, o deverbais adquire o traço [+ concreto].

Dos testes aqui apontados, exemplificaremos apenas os que foram mais produtivos na análise do *corpus*: A) O verbo da frase inteira; B) O modificador adjetival; C) O suporte material. E os substantivos abstratos em seu uso como concreto que serão apresentados aqui são: **alimentação** e **armação**.

ALIMENTAÇÃO *Nf*

[Concreto] 9 conjunto de substâncias de que um indivíduo necessita para alimentar-se: *Era mais ágil do que ele e podia viver com alimentação mais parca* (APA) **10** alimento: *Previsões de uma quebra muito grande indicavam que o preço da alimentação poderia impulsionar a inflação* (FSP); *Hoje de manhã recusou receber qualquer alimentação* (AV). (BORBA, Francisco da Silva et al., 2002).

Para explicar o contexto em que o item *alimentação* adquire o traço [+concreto], aplicaremos os seguintes testes:

- A. O verbo da frase inteira
- B. O modificador adjetival
- C. O suporte material

A. O verbo da frase inteira

(1) usar

"(...) relação em que um indivíduo usa restos da alimentação de outro (ex. hienas que seguem bandos de leões para comer restos das caças por eles deixados)" (*Folha de S. Paulo* - 03/12/98).

O verbo *usar* indica ação-processo, com sujeito agente, com complemento expresso por nome concreto não-animado, significa "destruir consumindo, utilizar até esgotar-se". Tem como complemento o sintagma complexo *restos da alimentação*. A palavra *restos*, na primeira acepção, significa "aquilo que sobra de um todo" (Borba et al., 2002, p. 1376); e, para Houaiss (2001, p. 2442), é também, na primeira acepção, "o que sobra, o que fica de um todo de que se retirou uma ou várias partes".

B. O Modificador adjetival

(1) leve

"Covas faz pequenas caminhadas pelo quarto e, desde sábado, passou a receber uma alimentação leve, com sopas, purês e gelatina. Segundo o infectologista David Uip, a volta da alimentação é sinal de que o intestino do governador funciona bem." (*Folha de S. Paulo* - 21/12/98)

O adjetivo *leve*, qualificador de nome concreto, na quarta acepção do dicionário de Borba et al. (2002, p. 955), significa "de fácil digestão". E, no dicionário de Houaiss (2001, p. 1749), está consignado na décima sexta acepção, e significa "que não pesa no estômago, fácil de digerir (diz-se de alimento)".

C. O suporte material

(1) cozinha

"Mesmo com os salários de novembro atrasados, médicos e funcionários do Pronto-Socorro Balneário São José, do PAS, em Parelheiros (zona sul de São Paulo), foram para a cozinha garantir a alimentação dos pacientes." (FSP - 17/12/98)

No excerto acima, a presença do locativo *cozinha*, suporte material para a realização da "refeição; alimentação dos pacientes" faz com que o item em análise adquira traço [+concreto].

ARMAÇÃO *Nf*

[Concreto] 7 estrutura; arcabouço: *uma armação em forma de A, com um pêndulo amarrado no topo (SU); eis a casinha de Pacuera [...] uma armação tosca de caibros e ripas (R) 8* coisa armada ou erguida: *Pode ver, de onde está, a armação de lona e a fileira de luzes em cordão que desce do mastro principal ao chão (DE) 9* conjunto dos aros e hastes dos óculos: *uma das velhas tinha um esparadrapo nos óculos para manter a parte da armação que se soltara (CRE) 10* conjunto de armas: *escolhera só 200 cabras duros. Armação pouca: um trabuco para cada jagunço (J) 11* aparelhagem permanente

para pesca: *diferentes armações para pesca espalhadas da Bahia até Santa Catarina* (H)

Para explicar o contexto em que o deverbais *armação* adquire o traço [+concreto], aplicaremos os seguintes testes:

A. O verbo da frase inteira

(1) solda e pinta

"Dentro do tradicional, a ótica solda e pinta armações, colore lentes (de cristal ou de acrílico) e restaura óculos antigos." (FSP - 14/02/94)

O verbo *soldar* está em relação de coordenação com o verbo *pintar*, ambos têm como complemento o deverbais *armações*. O verbo *soldar*, ação-processo, indica, na primeira acepção, "ligar com solda" (Borba et al, 2002, p. 1584), e o verbo *pintar*, ação-processo, significa, na terceira acepção, do dicionário de Houaiss (2001, p. 2217), "cobrir de figuras ou de combinações de cores por meio da arte da pintura".

B. O modificador adjetival

(5) douradas e sofisticadas

"A Mondial Trading está trazendo para o Brasil e representando no país os óculos usados pelo grupo "The Police" e pelo cantor Sting. Com armações douradas e sofisticadas, os óculos são uma opção aos produtos nacionais." (25/07/94)

O adjetivo *douradas e sofisticadas*, adjuntos adnominais coordenados, apontam para a concretização do item em análise. O adjetivo *douradas*, qualificador de nome concreto não-animado, está consignado no dicionário de Borba et al. (2002, p. 526) e, em sua segunda acepção, significa "da cor do ouro". E o adjetivo *sofisticadas*, qualificador, na terceira acepção, significa "aprimorado; elaborado". (Borba , 2002: 1475).

Conjunção dos testes A, B e C

(1) pendurados, locativo: em armações, modificador "de madeira

"Homens são pendurados em armações de madeira durante guerra entre Japão e China (foto). A descoberta da imagem, de 1937, prova a ocorrência de atrocidades no conflito. Não se sabe se os presos são chineses ou japoneses." (*Folha de S. Paulo* – 24/08/94).

O verbo *pendurar*, em sua forma participial, *pendurados*, indica ação-processo com sujeito agente, com dois complementos apagáveis, um expresso por nome concreto e outro locativo, significa "fazer ficar pendurado, colocar, fazendo ficar suspenso, deixar pendente, prendendo na parte mais alta" (Borba, 1990, p. 994).

O item *armações* realiza-se como locativo, é o próprio suporte material; caracterizado pelo modificador *de madeira*.

4. PARA (NÃO) CONCLUIR

Todas as questões que envolvem a identificação dos nomes abstratos e concretos, de um lado; e, de outro, o reconhecimento das marcas lingüísticas que validam o traço [+concreto] de nomes abstratos constituem, em lingüística, temas de uma inesgotável riqueza. O que atrai nesse estudo está na multiplicidade de pontos de vista que os nomes abstratos e os nomes concretos permitem-nos vislumbrar.

Concordamos com Martin (1996) para quem noções de abstratização e concretização são uma questão de grau. Além disso, vale dizer a nossa reflexão vai ao encontro dos estudos que levam em conta o uso lingüístico, e portanto considera que o léxico não se define independentemente do contexto lingüístico. Sendo assim, não falamos em palavras abstratas ou palavras concretas, mas em uso abstrato ou uso concreto, visto que os traços [\pm abstrato/ \pm concreto} são adquiridos pelos itens lexicais, a partir de combinatórias sintáticas que apontam para um resultado semântico.

E é ainda com Martin (1996) que (não) concluímos nosso artigo: "Eu confesso que quanto mais eu reflito sobre isso, mais eu me pergunto se os nomes "abstratos" existem."

Referências

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 18. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

BARTNING, I. "Les nominalisations déverbiales dans les SN complexes en de envisagées sous l'angle des traits processif et résultatif ainsi que de l'opposition abstrait/concret" (Actes du colloque de Dunkerque, 1992, Villeneuve d'Ascq), **Les noms abstraits: histoire et théories**. Paris: Presses Universitaires du Septentrion, 1996, pp. 323-336.

BORBA, F. et *al.* **Dicionário de usos do português do Brasil**. S. Paulo: Ática, 2002.

BORBA, F. et *al.* **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. S. Paulo: Unesp, 1990.

_____. **Uma teoria de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

DEFrancq, B. E WILLEMS, D. Do abstrato ao concreto: uma reflexão sobre a polissemia dos nomes deverbiais In: **Actes du colloque de dunkerque**, 1992, Villeneuve d'Ascq (Nord). *Les noms abstraits: histoire et théories* (Paris): Presses Universitaires du septentrion, 1996. (p. 221-230).

GIVÓN, T. Prototypes: between Plato and Wittgeinstein. In: CRAIG, C. (Ed). **Noun classes and categorization**. Nova York: Academic Press, 1986.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IGNÁCIO, Sebastião Expedito. **Análise sintática em três dimensões**: uma proposta pedagógica. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2002.

MARTIN, R. Le fantôme du nom abstrait. In: Actes du colloque de dunkerque, 1992, Villeneuve d'Aseq (Nord). **Les noms abstraits: histoire et théories** (Paris): Presses Universitaires du septentrion, 1996. P. 323-336.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 36. ed. retocada e enriquecida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.